

A Bordadeira de Instantes

FRANCISCO JOSÉ AIVES*

Livro de Auras, de Maria Lúcia Dal Farra, Iluminuras, São Paulo, 1994, 122p.

O Livro de Auras é formado de noventa e quatro poemas reunidos em três partes: "Viveiro", "Coisas de Mulher" e "Lição de Casa".

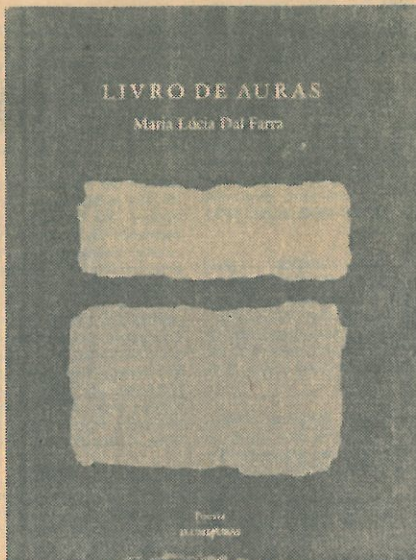
A primeira toma como matéria-prima os elementos comezinhos da vida doméstica e, pela alquimia da linguagem, os transfigura. Os poemas aqui reunidos estão ligados pelos fios dos objetos, da casa, dos animais, das plantas. A poesia fixa o cotidiano marcado pelo inexorável das coisas simples e essenciais. A vida é urdida

silenciosa, sem alardes, na preguiça do gato, na rinação sem pressa do boi solitário: "A aranha preside a tudo/ (invisível)." Os tempos se paralisam num presente denso. A atmosfera é bucólica mas cônica do negativo: "Um sol de secar até a alma." Nesta parte somos transplantados para um Nordeste rural, mais precisamente para a casa nordestina. Cenário sem ornamentos onde cada ser ganha uma dimensão alusiva: feixe de remissões.

A segunda traz a marca viva do feminino: a culinária, a adolescência, o sexo e o ofício. Tudo marcado pelo despojamento: "Evito rimas, recuso acrobacias/ apenas do frugal me ocupo inteira." Ou: "Não sei palavra mais perto do silêncio/feminino."

A última rememora a formação da poeta. Misturam-se aqui as figuras dos avós, dos pais, dos tios. A existência flui como regato onde juntam-se traços das culturas italiana e espanhola: "Nesse casamento de italiano e espanhola." A poesia é vasada em lirismo quando a poeta lembra: "Vovó Dolfina, Delfina, Adolfina/(nunca lhe fixaram o nome)/era índia e minha madrinha./Dela ganhei alma nômade,/rebeldeia/-valentia de homem." Ou quando relembra a figura da tia: "Tia Gilda fugiu de casa/para casar-se com Deus/-esse primeiro/de todos os cunhados de meu pai." Toda ternura vem à tona quando a poeta rememora, pela magia da poesia, a "Nona" querida: "Como era longo e branco/o cabelo da minha nona." Ou a culinária ancestral: "A polenta da nona ressurgiu/num dos buracos do mundo." A mãe professora ganha vulto no exercício do seu ofício: "Mamãe vai de charreta dar aulas no sítio." O pai surge com ternura: "Oh amado pai/que fez de mim/essa mulher tão importante!"; "na noite que meu pai morreu/ele e eu lembramos tangos até tarde."

Três forças animam a poesia de Dal Farra: as origens no interior de São Paulo,



a vivência nordestina recente e a condição de mulher. Sua poesia sintetiza e harmoniza estas fontes condutoras numa poética econômica e telúrica. Mas é da infância que Dal Farra retira a seiva que alimenta a sua poesia, cheia de figuras parentais, de ressonâncias existenciais.

Poderia se pensar que ela faz poesia dos objetos, das práticas domésticas. Não creio, entretanto, ser esta a verdadeira dimensão de sua poética. Interessa-lhe, essencialmente, a ressonância, a aura das coisas e dos fazeres. Gatos, aranhas, bois, comidas, cadeiras etc, interessam na medida em que **des-velam** outras realidades, invisíveis a olhos desatentos. Tem-se aqui uma metafísica do imanente.

Outro veio procede do erótico. Trata-se de um erotismo singular pois Dal Farra o descobre em situações e coisas inusitadas. O ato de leitura, por ex., ganha uma feição de franco erotismo no poema Promessa de sexo: "Uma espátula fina/ clama/pelo livro adiado/sua bainha." De outra feita, é a visão gozosa da maçã que ganha conformes do corpo feminino: "Com nádegas lascivas de mulher/a maçã se deita de costas/na cesta sobre a mesa." O mesmo ocorre com a fruição do pêssego: "Desponta na abaulada penugem/a meia lua/impressão digital do meu gesto indeciso/afeto e arranhadura." O erotismo de Dal Farra, entretanto, não se nutre somente de elementos naturais. Às vezes ganha a forma da reminiscência: "Ah que saudades desse assento/onde conheci/o meu primeiro prazer de baixo."

Este livro vem contribuir na tarefa urgente de reencantamento do mundo. Sua leitura é indispensável numa ordem dominada por pessoas e objetos sem alma.

Francisco José Alves é mestre em Antropologia pela Unb, doutorando em História Social pela UFRJ e prof. do Dep. de História da UFS.